

# MANIFESTO ESSENCIALISTA



*Expressar uma intuição filosófica é verter um conhecimento imediato e mítico à inteligibilidade, o que conduz a reciprocidades cujo valor existencial depende da virtude da intuição genésica.*

Literatura – aplicação do *eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial*  
Composição em construção – pré-publicação.  
Reproduzir com permissão. Citar como:  
Barbier, R. A.; MANIFESTO ESSENCIALISTA; 2012:  
artigo internet – [www.essencialismo.org.br](http://www.essencialismo.org.br)

# MANIFESTO ESSENCIALISTA

MANIFESTO ESSENCIALISTA

## ÍNDICE

<b>1</b>	<b>Tese .....</b>	<b>3</b>
1.1	Introdução .....	3
1.2	Status quo .....	4
1.3	Do estado-de-ser.....	5
1.4	Coordenadas lúcidas .....	6
1.5	Saber existencial.....	7
<b>2</b>	<b>Antítese .....</b>	<b>8</b>
2.1	Acusação.....	8
2.2	Alienação.....	9
<b>3</b>	<b>Do interior-em-si .....</b>	<b>10</b>

## 1 Tese

*(...) uma impressão metafísica batismal infeliz não entrava a realização de opções mais sublimes e cômguas, apreciações e escolhas filosóficas livres e conscientes.*

### 1.1 Introdução

O intento filosófico essencialista perscruta os assentamentos fundamentais do estado-de-ser e as vias existenciais decorrentes, logo, é passível de ser comprovado, em maior ou menor profundidade, por todos os humanos típicos, visionários e criativos. O (re)conhecimento filosófico profundo permite apreender a unidade consciência-existência como uma juntura que induz o surgimento e a configuração de eixos de perspectivas metafísicas que norteiam a organização psicossocial e política das civilizações e impérios. Ao focalizar o fundamento intrínseco e terminativo do estado-de-ser, revela-se a juntura consciência-existência como um sistema recíproco, categórico e permanente, cuja intuição imediata, subsequentes repercussões emotivas e significados, se configuram e se condicionam em relação com as impressões míticas cultuadas pelos probantes.

Neste fundamento primeiro, instituído na apreensão profunda e original da juntura consciência-existência, estabelece-se um ou outro eixo de perspectiva metafísica que se generaliza e se transmite através das imersões e contágios culturais, mitos e ritos correspondentes, para moldar as estruturações psíquicas e societárias dos indivíduos, condicionar vivências, realizações, refrear ou liberar potenciais - vias psicossociais e políticas de prazeres e sofrimentos. Necessariamente, um eixo de perspectiva metafísica, intuição-e-valor existencial, prepondera e ordena o psiquismo.

A compreensão da importância vital dos eixos de perspectiva metafísica como princípios civilizacionais estruturadores demanda investigações filosóficas profundas, posicionamentos éticos e estéticos ponderados. A revisão filosófica dos sentimentos e visões, dos entendimentos e dos mitos que reportam ao estado-de-ser, poderá modificar as intuições, perspectivas, ritos e decursos existenciais; uma impressão metafísica batismal infeliz não entrava a realização de opções mais sublimes e cômguas, apreciações e escolhas filosóficas livres e conscientes.

## 1.2 Status quo

A filosofia essencialista focaliza o ‘interior-em-si’, ambiente onde consciência e existência comungam e revelam uma ineludível reciprocidade. Postula-se a união existencial da consciência, do corpo e do mundo numa totalidade paradoxal. Essa unidade é reconhecida como categoria existencial original: refere-se à configuração metafísica primordial que explicita a harmonia natural e encoraja a justa inserção do estado-de-ser frente à sua destinação cósmica. Sendo a unicidade indissociável, juntura cósmica da totalidade dos significantes e dos significados, é, igualmente, símbolo imediato e conjuntura metafísica: o fenômeno existencial é a identidade do dado-a-ser, a relação consciência-existência é o tabernáculo da essência: esse reconhecimento (re)estabelece o eixo de perspectiva metafísica primordial, modo de ser evidente e virtuoso em que o Cosmos mensurável e o ser sensível ajuntam-se num estado-de-ser único, integrado e esférico.

Essa impreterível coordenada metafísica evoca intuições sensíveis e poéticas, abstrações correspondentes: o justo reconhecimento do status quo existencial motiva o exercício atento e equânime da razão qualificada, coordena o vivente em direção a uma praxe digna e sentimentos poéticos que fazem reconhecer o Belo. A coexistência indissociável e recíproca dos eventos simbolizados e simbolizantes, realiza um espaço vital e fenomênico e criativo onde a consciência, num enlace intuitivo e espantoso, tende a manifestar e colapsar o que se discrimina e intenciona— revela-se um momento criativo em que o estado-de-ser lúcido propõe-se a celebrar e cultivar a harmonia genésica que origina e vitaliza.

Aceitar a reciprocidade unitária do estado e do ser é reconhecer a adequação da natureza humana frente aos universais: é prezar a relevância ética do mistério e a excelência da razão natural, é ser virtuoso. O espanto filosófico, resulta da justa intuição dessa natureza-ser.

### 1.3 Do estado-de-ser

A relação consciência-existência é ineludível, configura um ato e estado-de-ser categórico, uma coordenada metafísica. O estado-de-ser, juntura metafísica, signo e evidência unidos, é símbolo num sentido pleno e vital. A coordenada consciência-existência configura um fenômeno metafísico que pode ser intuído e significado com razão qualificada, amor próprio, consciência e responsabilidade; ou, inversamente, desconhecido de modo condicionado e irresponsável. O significado mais prudente dessa junção misteriosa se institui e se explicita à luz da autoridade filosófica do estado-de-ser: no 'interior-em-si', ao abrigo das aparências e preconceitos culturais.

Afirmar a realidade do estado-de-ser como união indivisível e paradoxal de consciência-existência reporta a uma evidência imediata e caracteriza uma intuição-e-valor essencial: um eixo de perspectiva metafísica. Nesse contexto metafísico-existencial intuído como juntura consciência-existência indivisível e recíproca, o caráter real e relacional do 'Eu' não é, e jamais pode ser, de estraneidade, mas de unidade - o 'Eu' é natural, nativo, conterrâneo ou 'terrâneo', indígena. Dito em termos spinozianos, o estado-de-ser é conjunção unitária e criativa de dois atributos, físicos e cogitativos, e, por extensão, juntura unitária de existência-consciência, physis-arché, homo-sapiens, logo, buscar uma purificação, ou realização filosófico-terapêutica, é uma praxe, ou experienciação, que exige um duplo processo: descoberta e afirmação, isto é escolhas.

Manifesto como humanidade, o processo existencial afirma a sua vitalidade e justifica a sua natureza e identidade quando, proativo, valoriza e recorda o que é mais fundamental: a união original, o Cosmos. O estado-de-ser, justamente compreendido, expressão vital e existencial configurada humana, coordena um caminho de lucidez, uma praxe, que é a afirmação de um enlace concordante, unitário e essencial.

#### 1.4 Coordenadas lúcidas

Na proposição e abordagem cosmo-existencial o 'Eu' existe integrado ao corpo, ao mundo, sendo, *in totum*, Cosmos, ou 'esfera divinal'. Essa compreensão resgata o justo valor do estado-de-ser e permite superar, de pronto, *minus valias* e traumas construídos e alimentados em outro eixo de perspectiva. O eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial (ePMCE), saber e realização essencial, desvela a reciprocidade consciência-existência e consagra o estado-de-ser como existe em natura, bem apreciado, com sobriedade e prudência filosófica. Sóbrio, o ePMCE esclarece e verdadeira natureza do estado-de-ser e revoga a necessidade de visionar a totalidade do momento vital como algo accidental de consequências dolorosas, um sofrimento primordial, e, a transcendência supernatural o motivo magno e central da orientação e destino existencial.

O eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial fomenta saberes que fazem jus à experiência dos indivíduos, aspiração e motivação das escolhas e das buscas; afirma-se que uma realização cultural ponderada e inteligente, logo, virtuosa, favorece a manifestação de correspondências onde predominam plenitude e alegria. Consagra-se uma visão totalizante que fomenta as virtudes cardeais e sociais, uma realização que tempera a realidade em direção às ponderações desejadas, realizando o estado-de-ser original cujo lema cívico pode ser: respeito, convivialidade e criatividade. Em todo caso, exemplifica-se sempre, em todos os níveis, individuais, comunitários e globais, uma incontornável veracidade por correspondência sagital, onde, concernente à relação metafísica consciência-existência: a qualidade que se intuí e visiona comprova-se por necessidade.

## 1.5 Saber existencial

A virtude fundamental atribuída à juntura consciência-existência, mistério metafísico, manifesta um posicionamento existencial e civilizatório, ou um eixo de perspectiva metafísica, instituidor de trajetórias, experiências, sentimentos e narrativas que correspondem aos valores elegidos. Ser de si consciente demanda a realização da sua própria natureza: uma apreciação verdadeira deve explicitar essa relação recíproca e concordante do 'ser' e da sua 'natureza', desvelando potenciais de harmonia e vida digna.

À luz de uma razão simples e desembraçada, o encontro com o Belo é natural, não relata a uma dialética culturalista, tampouco depende de fundamentos sectários, mas é previsto na bondade e valores que o vivente afirma: para o sábio, o exercício da virtude não é facultativo ou ocasional, é uma necessidade congruente à natureza e aos potenciais do estado-de-ser. Nessas harmonias inúmeras, quando a beleza das flores encanta os jardineiros, o amor se manifesta - a justa apreciação do Belo implica uma realização estética.

Uma via filosófica deve permitir o reconhecimento dos possíveis eixos de perspectivas metafísicas, mitologias, ritos correlatos e decorrentes coordenadas metafísicas secundárias (CM2) que configuram os ordenamentos psicossociais, socioculturais e sociopolíticos dos indivíduos. A busca filosófica qualificada define e afirma o eixo de perspectiva metafísica através do qual se elaboram as coordenadas secundárias que permitem o exercício da virtude, da cívica e das artes. Configura-se uma trindade de eventos: as CM2 do *Ethos*, *Logos* e *Mythos* onde se integram o corpo e o mundo, o saber e a inteligência, revelando-se uma sublime inspiração. Afirmar a integração metafísica unitária, criativa e paradoxal do estado-de-ser, permite uma benéfica superação do dogma da estraneidade teológica, política e cientificista.

## 2 Antítese

*(...) A civilização e estado-de-ser padecem nos ordenamentos de um prejuízo dicotômico e central raramente desafiado: a ideia de um sujeito alienado, por necessidade, estranho ao corpo, ao mundo e a um hipotético 'plano divinal': a estraneidade do 'Eu' como pilar da edificação societária.*

### 2.1 Acusação

O eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial (ePMCE) é considerado original, típico das crianças, indígenas e filósofos pré-platônicos, sendo o eixo de perspectiva metafísica transcendente-transcendental (ePMTT), vulgarizado por imposição ideológica e revolução cultural, considerado excêntrico e desagregador. O ePMTT, hoje, globalizado, configura uma gestalt imperativa, sectária e hierarquista, que dinamiza e coordena as expressividades políticas e socioculturais típicas da nossa era-calendário: estruturações econômicas, políticas e pedagógicas em acordo com as configurações míticas que correspondem.

No âmbito do ePMTT, os sofrimentos naturais resultam acrescidos de sofrimentos exorbitantes e distúrbios culturais que: desvalorizam a dignidade, o bem-estar ético, de ser o que se é; exaltam os sofrimentos e desassossegos decorrentes desse assalto à congruência recíproca e dignidade natural; fomentam atuações políticas repressoras e desnecessárias; deportam num além e futuro hipotético o que se pode viver no presente.

Nesse âmbito, os sofrimentos mais embaraçosos são de ordem culturalista: a doutrina correlata ao ePMTT onera o processo existencial de dimensões surreais e determinismos hipotéticos que exaltam o sofrimento e o sacrifício. Instâncias metafísicas que renegam os evidentes enlaces cosmo-existenciais de integração e harmonia desnaturam e desafiam a identidade cósmica e a inteligência original do estado-de-ser. Epistemes, paradigmas e sistemas que degradam a dignidade essencial do estado-de-ser e exaltam o sofrimento impossibilitam o advento de uma comunidade virtuosa.

Advogar e existência de uma 'consciência pura', separável do estatuo existencial e sensível, evocando um conhecimento privilegiado e reservado, caracteriza um eixo antitético de perspectiva metafísica e uma negação da natureza e valor próprio. Neste eixo sectário de perspectiva metafísica, amplamente catequizado nesta era-calendário, nega-se a realidade do estado-de-ser como união consciência-existência, caracterizando e acusando uma metafísica imperante e improvável. Apostolar ser estranho ao mundo e ao corpo, atribuído de um tele-significado deslocado no além, não se adequa com a experiência e o imaginário das crianças venturosas, dos poetas, dos artistas, filósofos vanguardistas, ou, ainda, dos



naturalistas. Mesmo condicionado e educado em circunstâncias ingratas e carentes de saber, levado a pensar-se estranho à existencialidade dada-a-ser, surreal e banido, o indivíduo, intuitivo e criativo o suficiente, sente-se traído, depauperado do essencial, sem identidade e sem rumo.

## 2.2 Alienação

As grandes escolhas existenciais afunilam entre: o posicionamento metafísico original, cosmo-existencial, criativo e combinante; o posicionamento metafísico excêntrico, transcendente-transcendental, sectário e hierarquista, fonte de inquietude e dúvidas. O ePMTT vulgariza o conceito mor e dualístico da modernidade, a ‘estranheidade do Eu’, decaindo o indivíduo num ‘sujeito-objeto’ coletivizado e massificado – um pagador de penitências e promessas, joguete dos sociocratas e hierarcas, paciente alienado e incurável das psicanálises.

O dualismo teocrático e o cientificismo, desvios de foco comungantes e brotando do ePMTT, instituem e conformam fenômenos societários regidos por uma trina correspondente de Coordenadas Metafísicas Secundárias (CM2): o subjetivismo, antítese egoica do *Logos*; o objetivismo, desnaturação insensata do *Ethos*; o dogmatismo, desvio idealístico e exorbitante do *Mythos*. Assim triangulados, civilização e estado-de-ser padecem nos ordenamentos de um prejuízo dicotômico e central raramente desafiado: a ideia de um sujeito alienado, por necessidade, estranho ao corpo, ao mundo e a um hipotético ‘plano divinal’: a estraneidade do ‘Eu’ como pilar da edificação societária. Não saber visionar metáforas integradoras e narrativas concordantes para descrever a juntura consciência-existência, compreender-se estranho a tudo, ao corpo, ao mundo, imaginar-se degradado e deslocado de algum plano divino-universal, condena à angústia e ao sofrimento.

A polarização sectária e elitista do horizonte metafísico inibe a floração do estado-de-ser e impede a evolução biopsicossocial da natureza humana das esferas mais instintivas em direção aos decursos civílicos da razão qualificada. Tais desentendimentos e desvalorizações são fadados a condicionar a elaboração de narrativas e historicidades incôngruas, resultantes processos psicossociais e políticos discordantes, sectários e defensivos.

De interpretações opositivas, condicionadas em mitos, seladas em ritos, usos, costumes, retóricas e etiquetas excedentes, em cultura sub-rogada onde poucos ousam falar por si, mas produzem discursos feitos e pensados por outros, ou para outros, resultam

circunstâncias frustrantes que condizem com o que, obsessivamente, se acredita ser e se cultua: delegante e excluído da esfera criadora.

### 3 Do interior-em-si

Um 'nós', um 'vós', não sendo majestade, é um somatório de 'Eu'. Dois, três, quatro, um número infinito de indivíduos não é um grande 'homem de quetelet' autônomo, mas uma representação matemática, um indivíduo-estatístico. Quem pode pensar ou não querer pensar, aceitar ser pensado por outros, introjetar os determinismos inscientes da cultura: é cada um, em si e por si. Uma abstração coletiva - como 'o povo', 'a academia' - não pode imaginar, provar, pensar ou dizer algo: não existem!, são figuras ou representações. A conjugação do verbo ser faz sentido filosófico, original e correspondente, no singular, no plural parece demagogia. 'Eu', 'tu', 'você', 'me', 'ti': tudo bem! 'Nos', 'vos', 'o', 'a' não é reto: é oblíquo e hipotético, não justifica o *verbum*. Tudo o que vi, ouvi, sei, sou eu quem vi, ouvi e aprendi, em mim, de mim. Claro, aprendi muito com outros indivíduos que, certamente, como indivíduos e apenas assim, conheceram 'isso', ou 'aquilo', ouvindo e aprendendo a respeito de outras coisas, vindas de outros indivíduos, e de outros, num processo infindo.

Quem pode conhecer ou não conhecer? observar isso ou aquilo, pensar e afirmar: - "Eu vos digo, em nome de tudo quanto existe de mais sagrado, não sou apenas um indivíduo-pessoa indissociável, sou espírito transpessoal e sobrenatural!"; ou então: - "Senhores e senhoras, é postulado científico que, antes da existência dos seres vivos, existia matéria sem vida!". Indubitável, quem pode entender, (des)entender, pensar, imaginar e dizer essas coisas, ter ouvidos e razão para conceituar, é, de uma forma ou de outra, um indivíduo-pessoa!

Cosmos, deuses, deusas, infernos, paraísos, jardins de flores ou crianças, todas as coisas, existem apenas com/e através dos indivíduos, o que existe, existe na vigência da afirmação do indivíduo-pessoa - só existe aquele que é, aquele que não é não existe e não há um Cosmos a ser cogitado sem a correspondência dos indivíduos: não será por isso que tudo é um, universo e indivíduo?

"Só existem indivíduos, se é que existe alguém", como diz o excessivamente poético Luis Borges no conto 'O outro': o filósofo profundo, sincero, 'autoral', como deve ser um filósofo, só pode focar os questionamentos do 'interior-em-si', ambiente onde a consciência e existência comungam e correspondem, lugar onde tu, leitor, deverás reconhecer e decidir quem és, ou deixar outro decidir por ti. Certamente, há quem acha essa correspondência radical, mistério e paradoxo, um tremendo desconforto preferindo o mito do espírito

transcendente cuja irrazoabilidade categórica pode consolar, porém degradada a luz da razão natural e a retórica com as consequências que bem se testemunham no jogo cultural, histórico e atual, das coordenadas metafísicas que decorrem.

A opção essencialista cosmo-existencial imerge as raízes do estado-de-ser no vórtice do mistério, como fez Heráclito, devotando seu pensamento à deusa natureza sem entregar uma migalha de razão ao altar da ignorância: à luz natural da razão, garante-se um espaço onto-poético suficiente para Sisífo brincar, quiçá infinitamente. Uma redenção para quem aspira ser filósofo, poeta e razoável.

Efetivamente, nessa objetivação subjetivista e dogmática globalizada, alguns poetas mais lúcidos, com arte e razão, inspirados, encontram o caminho da realidade cosmo-existencial com mais facilidade de que certos pensadores prolixos e bem ordenados, instigados a pensar alinhados às ordens da tradição, refletindo sombras do fundo da abóbada cavernosa. Esses procuram a verdade nos pergaminhos e no passado, longe do momento resolutivos e intensos que parecem desconhecer: pensam, citam e citam, e, de citação em citação, regridem, acompanhando as frases até às escrituras latinas da escolástica, onde suspendem pensamentos e críticas, convertidos e doutrinados, ou, no caso de desvencilharem-se da ordem latina, indo mais longe, chegam à Odisseia de Ulisses - o que é, melhor, incomparavelmente. Mas, na primeira voz e consciência, recordando e recordando, de recordação em recordação, chega-se até aos primórdios verdadeiros, ao início do dia, ao momento no qual o mundo nasceu comigo. Eu e a natureza somos gêmeos, mostramos tudo um ao outro, à luz da razão e do Sol; flores são mandalas, portais abertas ao infinito, estrelas são pensamentos elevados e poeiras são mundos: evidências poéticas e categóricas nesse grande presente unitário onde 'Eu' existe integrado, sempre o mesmo, e sempre diverso, universo.

Enfim, leitor, é você quem deve definir o seu valor frente a si mesmo e ao que é outro, definir a relação da sua própria consciência com a existência: o seu estatuto metafísico. Desde o início, por focar o 'interior-em-si', o ambiente singular onde a reciprocidade consciência-existência comunga e dialoga, a filosofia profunda interpela o indivíduo. Homo sapiens, querendo pensar, fazer jus ao que és não poderás fugir da tua responsabilidade! Quem és tu? Autonomia ou servidão? Adequação ou inadequação, bondade ou maldade? Escolhe o teu destino.

Régis Alain Barbier, Aldeia, agosto de 2012